

# Letras

**JAZZ** É UMA  
**INQUIETAÇÃO**  
**ACELERADA.**

Françoise Sagan

50

# Letras

**JAZZ** É UMA  
INQUIETAÇÃO  
ACCELERADA.

Françoise Sagan

Periódico cultural - Ano VI - Nº 50 - Julho de 2011 - Tiragem: 5000 exemplares - Distribuição gratuita - Belo Horizonte - MG - Brasil

## E de Expediente

# Letras

ISSN 1983-0971

### Editoria e Direção Geral:

Carla Marin e Bruno Golgher

### Editorias

Arquitetura: Diogo Ribeiro Carvalho

Artes Cênicas: Mônica M. Ribeiro

Artes Plásticas: Mariana Lage

Cinema: Ana Lúcia Andrade

Cultura e Literatura Judaicas: Lyslei Nascimento

Direito e Cultura: Diana Gebrim

Estética: Gilson Iannini

### Colunas:

Poesia: Ana Caetano

### Colaboração (esta edição):

Luiz Arthur • Marco Sbicego

Mariana Mol • Rodrigo Brasil

### Design: Jumbo

**Jornalista Responsável:** Vinícius Lacerda

**Tiragem:** 2000 exemplares

**Impressão:** Gráfica Fumarç

**Para anunciar no Letras,** fale com Bruno:

bruno@cafecomletras.com.br

Letras é uma publicação da ONG Instituto Cidades Criativas:

Rua Antônio de Albuquerque, 781 - Savassi

Belo Horizonte, MG - CEP 30112-010

Quaisquer imagens, fotografias e textos veiculados no Letras são de responsabilidade exclusiva de seus autores. As restrições da legislação autoralista se aplicam, sendo vedada a reprodução total ou parcial de textos e ou imagens sem prévia e expressa autorização do titular dos direitos.

# Giorgio Caproni

Marco Sbicego

A carreira poética do italiano Giorgio Caproni (Livorno 1912 - Roma 1990), apesar de ter sido objeto de mais intensa atenção por parte da crítica apenas a partir da década de 1970, abrange uma época - e uma história existencial - peculiarmente extensa: o percurso entre a primeira obra, *Come un'allegoria*, publicada em 1932, e os últimos poemas, escritos até a véspera da morte e publicados póstumos sob o título *Res Amissa* em 1991, em seus quase sessenta anos compreende, além dos óbvios eventos históricos e sociais (a segunda guerra mundial mas também as mudanças no tecido sócio-econômico italiano), também um inevitável espectro de diversificação estilística.

Não é fácil, e talvez simplesmente não seja oportuno dada a complexidade da evolução não-linear, "afusada" como o próprio poeta definiu, segmentar em períodos a produção do autor; porém, por simplicidade e sem nos aprofundar demais, por enquanto, nesta complexa questão, podemos aqui individuar no mínimo duas, ou mais propriamente até três, fases na poética de Caproni. Em primeiro, o período "juvenil" das primeiras três obras, frequentemente acostadas por estilo e conteúdos à corrente do Ermetismo (o poeta, porém, preferia definir estas primeiras obras como fruto de uma visão "impressionística") encerrado fundamentalmente pela experiência da guerra e seguido pela longa gestação de *Il passaggio d'Enea*, obra publicada somente em 1956 e que inclui poemas escritos entre 1943 e 1955 - muitos destes sim, a rigor, mais propriamente "herméticos" - e seguidos por uma transição, com a composição de textos que se sobrepõem estilisticamente e que serão publicados em livros diferentes, e, enfim, por um raro período de silêncio poético, entre 1958 e 1960.

Desta pausa emerge uma voz poética bastante mudada, um repensamento que se expressa finalmente num discurso poético profundamente inovado, por formas e temas, com os poemas do *Congedo del viaggiatore cerimonioso* (1964). Segue mais uma década de intenso trabalho compositivo até chegar à publicação de *Il muro della terra* em 1975, obra que, pela primeira vez, graças também à tradução e difusão na França, coloca o poeta no centro das atenções da crítica literária; sucesso crítico (e de público - nos limites, entenda-se, do restrito público da poesia) que veio crescendo nas décadas seguintes. Mesmo assim, ainda hoje a fortuna crítica de Caproni, especialmente fora da Europa, parece de certa forma longe de fazer jus à extraordinária, vibrante vitalidade e à sempre surpreendente voz criativa do poeta.

O poema que aqui propomos, *Ritorno*, pertence a *Il muro della terra* e apresenta, mesmo em sua brevidade, um significativo exemplo da poética do Caproni "maduro": uma escarnificação da palavra até não deixar nada que não seja essencial, o conflito entre pretensão do racional e invasão do paradoxo, a metafísica que emerge e se apossa dos lugares e objetos mais familiares, a constante tensão estilística da busca por um claro que é algo bem longe do simples.

*Marco Sbicego é italiano de Brescia, residente no Brasil há vários anos. Formou-se em Letras na Università Cattolica del Sacro Cuore. É tradutor e professor de italiano e de latim.*

### Ritorno

Sono tornato là  
dove non erro mai stato  
Nulla, da come non fu, è mutato.  
Sul tavolo (sull'incerato  
a quadretti) ammezzato  
ho ritrovato Il bichiere  
mai riempito. Tutto  
è ancora rimasto quale  
mai l'avevo lasciato.

Giorgio Caproni

### Retorno

Retornei lá  
onde eu nunca estivera.  
Nada mudou de como nunca era.  
Sobre a mesa (a toalha  
quadriculada) encontrei  
pelo meio o copo  
nunca enchido. Tudo  
ainda continua tal  
qual eu nunca deixara.

Tradução: Marco Sbicego

### Erramos:

Na edição #49 do Letras (Junho'2011), o texto "Filosofia e Música: Beethoven e Hegel" foi erroneamente creditado a Marta Procópio de Oliveira. A autoria correta é de **Marlon Santos Trindade**.

### Fale com o Letras:

**letras@cafecomletras.com.br**

### Patrocínio



### Realização



**CAFÉ com LETRAS**

Ministério da  
Cultura

NET  
O MUNDO É DOS NETS



CEMIG  
A Melhor Energia do Brasil.

GOVERNO  
DE MINAS

APRESENTAM

# SAVASSI FESTIVAL 2011



• 25 DE Julho A  
03 DE AGOSTO •

OUTRAS INFORMAÇÕES

[WWW.SAVASSIFESTIVAL.COM.BR](http://WWW.SAVASSIFESTIVAL.COM.BR)

PATROCÍNIO



TRIP

PROMOÇÃO EXCLUSIVA



APOIO



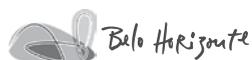
PATRICIPAÇÃO



REALIZAÇÃO



APOIO



INCENTIVO



REALIZAÇÃO



Realizado com os benefícios da Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

# Uma viagem transformadora e a busca por uma identidade latino-americana



Mariana Mol

Ao se falar de identidade, pensamos em elementos característicos próprios e exclusivos de algo ou alguém diferente de outro. A identidade de um povo se dá por representações verbais e não-verbais e esta construção parte de diversos caminhos, como a formação histórica, política, geográfica e, principalmente, cultural. Dentre este último, está o cinema. A imagem cinematográfica é um forte instrumento de identificação de um povo e compõe o modo como apreendemos e compreendemos o mundo que nos rodeia.

O longa-metragem “Diários de motocicleta” (2004), de Walter Salles, conta a história de Ernesto Guevara (Gael García Bernal), um estudante de Medicina de 23 anos que, em 1952, decide viajar pela América do Sul com seu amigo bioquímico Alberto Granado (Rodrigo de la Serna). A viagem é realizada em uma motocicleta, apelidada de La Poderosa, que acaba quebrando definitivamente, após oito meses, e eles, então, seguem o trajeto através de caronas e caminhadas. O objetivo da dupla era sair da Argentina e chegar até uma colônia de leproso, no meio da Amazônia Peruana. A viagem termina na Venezuela, onde Alberto decide ficar em Caracas para trabalhar e Ernesto retorna a Buenos Aires, depois de quase 14 mil quilômetros percorridos.

Como em todo filme de estrada, em que os personagens são transformados pela experiência da viagem, “Diários” mostra o jovem Ernesto em sua primeira viagem pela América Latina, jornada esta que seria decisiva em suas futuras escolhas. O longa defende a transformação por que passou um latino-americano, antes de se tornar o ícone de uma revolução. Assim, o filme indica a existência da noção de uma unidade latino-americana e nele prevalece a autoconsciência de um destino continental, de um continente unido, de uma “Maiúscula América”, como o próprio Ernesto define, em seu livro “De moto pela América do Sul - Diário de viagem” (2001).

A narrativa é toda construída a partir do Diário de Ernesto. A ordem cronológica da ação do filme é a mesma do livro e o primeiro é entrecortado por fragmentos das cartas de Ernesto para a família. Segundo Walter Salles, em entrevista no site oficial do filme, os diários de Guevara tiveram um impacto real sobre ele. O livro, segundo o diretor, trata de uma viagem em busca não só da própria identidade e do seu lugar no mundo, mas também do que “poderíamos chamar de uma identidade latino-americana”.

O filme foi rodado em mais de trinta exteriores onde aconteceram a maioria dos eventos reais. São exatos 50 anos de distância entre a viagem real e a produção do longa, mas os aspectos mostrados da América Latina não mudaram tanto assim. Antes das filmagens,

Salles viajou sozinho pelos povoados e cidades citados nos livros para um primeiro reconhecimento do espaço que seria cinematografado.

Ao longo do trajeto, a paisagem muda do colorido verde dos pampas para o preto e branco dos morros gelados da Terra do Fogo, para depois chegar à terra cinza do Deserto do Atacama e das minas de prata — onde vemos uma primeira reação de rebeldia de Ernesto, ao atirar pedras no caminhão dos chefes da mina. Da mesma forma que o espaço vai se tornando mais árido, o filme se torna mais crítico.

Nessa viagem de amadurecimento, ao mesmo tempo em que os dois personagens vão conhecendo a rica e complexa topografia humana e social do continente latino-americano, o filme acompanha essa transformação estética e narrativamente. Quanto mais próximo do interior da América Latina, mais a velocidade do filme é reduzida — Alberto e Ernesto passam a viajar a pé e de carona.

A aventura dos dois amigos vai se convertendo em uma viagem de descobrimento profundo, não só de si mesmos, mas também de um continente pleno de falhas, injustiças e poucas oportunidades. Os viajantes, ao longo de sua odisseia, vão encontrando índios que foram expulsos de sua terra pelos latifundiários, em nome do progresso; mineiros sem casa e sem trabalho por serem comunistas; índias que sobrevivem do artesanato; e prostitutas dos barcos que trafegam no rio Amazonas.

Em uma sequência, Ernesto e Alberto conseguem uma carona num caminhão que transportava vacas e um jovem índio e seu velho pai, que conversavam em aimará — língua típica dos índios e mestiços peruanos. Ernesto inicia uma conversa com o menino: “A vaca está ficando cega”. O menino, sem se importar, retruca: “Só merda que ela vê”.

Numa passagem do referido livro — entre as cidades de Tacna e Tarata (Peru) — Guevara fala do “gado humano” — caminhões cheios de índios que rodavam o interior do país, como mão de obra camponesa barata. Ele descreve Tarata como uma “cidadezinha milenar e pacífica, onde a vida segue da mesma maneira como tem sido por séculos”.

“Diários de Motocicleta” mostra, pouco a pouco, como a realidade social e política da América Latina vai se impondo aos dois personagens — e ao espectador. A construção da consciência política do filme vai se fortalecendo a partir do encontro dos viajantes com a grandiosidade das ruínas incas de Machu Picchu (Peru). Ali, Ernesto e Alberto já viram muitas coisas, conversaram com diferentes pessoas ao longo da viagem e não fecharam seus olhos para nada ou ninguém. É o momento também de mais silêncio do filme e menos utilização de trilha musical —

que é uma marca do início do longa, quando os personagens ainda “viajam por viajar” e o filme tem uma atmosfera de aventura.

Em Machu Picchu, há uma cena em que Ernesto reflete sobre a força dos Incas que foram dizimados pelos espanhóis. “Os incas tinham grande conhecimento de Astronomia, Medicina, Matemática, entre outras coisas. Mas os espanhóis tinham a pólvora”, pensa o personagem para, no fim, questionar: “Como seria a América hoje, se as coisas tivessem sido diferentes?”. Logo depois, Alberto dá a ideia a Ernesto de ficarem em Cuzco e fundarem um partido indígena. Granado diz: “incentivaríamos todo o povo a votar. E retomariamos a revolução de Tupac Amaru, a revolução ameríndia”. Ernesto contesta: “Uma revolução sem tiros? Está louco?”.

As mudanças dos dois viajantes, ao longo do filme, foram construídas delicadamente. Há uma transformação gradual da velocidade das ações, que vai decrescendo à medida que os diálogos vão se aprofundando, com o crescimento interno dos personagens — quando o filme já se passa na colônia de leproso de San Pablo (Peru), destino final da viagem. Uma prova dessa mudança está na fala de Ernesto, no dormitório dos médicos na colônia dos leproso, sobre a possibilidade de uma revolução social na América Latina: “somos muito poucos para nos dividirmos. Tudo nos une. Nada nos separa”.

Assim, a cena da travessia do rio, entre os lados dos são e dos leproso, na colônia de San Pablo, é a representação do momento definitivo, em que tudo se transforma na vida de Ernesto. Desde sua chegada à colônia, ele não se conforma com essa separação imposta pelos médicos e as freiras católicas aos doentes. Na noite de seu 24º aniversário, Ernesto resolve comemorar com os doentes e atravessa o rio a nado, mesmo sofrendo de asma. Há que se destacar que esse é um episódio escolhido pelo diretor para representar um ritual de iniciação do jovem Guevara que, como sabemos, tomara partido de uma revolução social muito mais extensa e intensa. Essa cena resume de forma alegórica a transformação do personagem em um sujeito solidário e comprometido com os despossuídos — mas não há o relato dessa passagem no livro — trata-se de uma licença poética possibilitada pelo cinema.

“Diários de motocicleta” é um filme de estrada que fala do desvendamento de uma geografia física e humana latino-americana, do descobrimento de vocações, da amizade e, sobretudo, da importância de uma utopia. Sem tom político ou revolucionário, Walter Salles não realiza uma cine-biografia de Guevara — seu filme fala do jovem Ernesto que se tornaria Che.

Mariana Mol é jornalista e doutoranda em Artes (Cinema) pela Escola de Belas Artes da UFMG.

“Deixe que o mundo te transforme, e poderás transformar o mundo”.

Ernesto Che Guevara

# Em busca de um teatro necessário

**Luiz Arthur**

A capital mineira segue vivenciando ciclos de consolidação do bem cultural nas últimas décadas e as instituições que destinaram esforços para a formulação de estratégias de ensino teatral encontraram repercussão qualitativa e quantitativa de toda a ordem.

Se fizermos uma breve apreciação dos cursos teatrais em atividade hoje na cidade, temos, em número ainda restrito, aqueles que apresentam efetivo critério na aplicação de uma metodologia consistente, com profissionais gabaritados em plena atividade nos palcos. As escolas de teatro da UFMG, da PUC, o Teatro Universitário, o Centro de Formação Artística do Palácio das Artes, os cursos do Galpão Cine Horto, do Curso de Teatro do SESC, entre outros, são bons exemplos disto. Ao contrário, há também uma minoria que pauta-se pela qualidade duvidosa, equivocada por falta de lastro de sua equipe técnica e artística. “Escolas” que atraem grupos iludidos apenas pela possibilidade de um alcance televisivo – não valendo a pena discorrer sobre as mesmas, pois também estas apresentam quórum substancial na mesma proporção em que prestam um desserviço ao teatro.

É certo que, quando não independentes, ou seja, quando estão diretamente vinculados a uma instituição de ensino, superior ou não, os cursos de teatro ganham o endosso extra da mesma e mais credibilidade junto ao público alvo. Assim, para o alcance pleno de suas atividades, a apreciação do aparato técnico, que servirá ao exercício docente, deve passar inevitavelmente pelas devidas análises curriculares, mas em análise conjunta com a presença de seus postulantes dentro das mudanças que a cidade segue operando nos últimos anos.

Se tomarmos as várias ações culturais que afetam diretamente o fazer teatral de BH, devemos, em síntese, constatar que vários espaços culturais foram construídos dentro de escolas (Teatros Isabela Hendrix, Nossa Senhora das Dores, Santa Dorotéia, etc.), assim como outros - de formato multicultural e interdisciplinar - que se encontram às vésperas de suas inaugurações (o Sesc Palladium Domus Artium e o V&M Brasil Centro de Cultura). A cidade possui hoje importantes eventos cênicos consolidados dentro de seu calendário cultural, tais como: o Festival Internacional de Teatro Palco & Rua, o Festival Internacional de Dança, o Festival Internacional de Circo, o Festival Internacional de Teatro de Bonecos, o Verão Arte Contemporânea e a Campanha de Popularização do Teatro. O Circuito Cultural Praça da Liberdade é o maior complexo cultural a céu aberto do país. Também implantado pelo Governo do Estado, o Valores de Minas atende quinhentos jovens carentes da rede estadual de ensino com aulas de teatro, dança, circo, música e artes plásticas. A demanda por atividades culturais em BH só cresce e, ao contrário da desativação de vários cinemas tradicionais da capital, nenhum teatro aqui foi transformado em igreja. Este quadro evidencia o quanto é providencial a formatação de projetos culturais ímpares, acessíveis ao público em geral, pois nenhuma dessas ações existiria, nem teria continuidade, se não houvesse um público consumidor sedento e atento às novidades do mercado.

Mais do que observar o crescimento desta busca pelo teatro ou diagnosticar o movimento ininterrupto de refinamento do olhar sobre a arte cênica produzida em nossa cidade e sobre as formas de nos relacionarmos com ela, é preciso reafirmar, através da implantação de formatos livres de ensino teatral, de que este bem cultural é inerente e necessário ao ser humano.

Qualquer empresa ambiciona lucro e sucesso em suas empreitadas. Mas precisamos criar formas de mensurar também o retorno institucional – o que, sem dúvida alguma, em tempos de valorização da cultura nas grandes metrópoles, é um investimento inevitável – e a transformação que se opera na vida de cada um que vivencia o fazer teatral. Existe, sobretudo, a crença na formação de cidadãos como platéia pensante e formadora de opinião, tendo os mesmos ousado encarar seus anseios através da experiência e da prática teatral, na observação de modelos de ensino de teatro diversos e vivenciando assim uma estrutura de absorção de conhecimento único dentro da cidade. As pessoas são diferentes e ambicionam particularidades para se entregarem ao coletivo.

A implantação da Escola Livre de Teatro do Uni-BH, a partir de seminários com disciplinas diferenciais, como cenografia, figurino, iluminação, história da arte, crítica, maquiagem, direitos autorais e consciência vocal/corporal, tendo a interpretação como carro-chefe, é inovador em seu formato. É um modelo original e que evitará a evasão de disciplinas, como corpo, voz, história do teatro, quando estas fazem parte de uma grade fixa, obrigatória. Estas cadeiras técnicas e teóricas, fundamentais para o aprimoramento do trabalho do ator, serão apreendidas sem uma regularidade que as torne enfadonhas. Este é um modelo de ensino teatral que, espero, possa inspirar outros, fazendo com que o aluno tome também para si a responsabilidade sobre sua própria formação.

*Luiz Arthur é ator, diretor, produtor, professor de teatro e jornalista. É professor de interpretação da Escola de Teatro PUC-Minas. É também professor da Escola da Maturidade e diretor da Cia Móvel de Teatro do Uni-BH, onde criou, coordena e ministra aulas na Escola Livre de Teatro.*

QUEM FAZ O DESIGN DO LETRAS  
TAMBÉM FAZ VÍDEO, ÁUDIO, FOTOGRAFIA  
ILUSTRAÇÃO, ANIMAÇÃO, CONSULTORIA  
DE COMUNICAÇÃO, OUTSOURCING  
DE CRIAÇÃO E DESIGN PARA WEB.

JUMBO. GRANDES IDÉIAS.

WWW.JUMBOPRO.COM.BR

[31] 4101 8007 [31] 3567 2705



# 'Fair Use': usos permitidos de obras artísticas e intelectuais alheias

Diana Gebrim

O direito autoral é o ramo do direito que regula a propriedade sobre obras artísticas e intelectuais. Ele visa resguardar a relação entre o criador e sua obra, e o direito de gozar do resultado de sua criação. A Lei vigente sobre essa matéria, Lei 9.610/98, declara em seu artigo 28: "Cabe ao autor o direito exclusivo de utilizar, fruir e dispor da obra literária, artística ou científica". A Constituição Brasileira dispõe que nenhuma pessoa poderá utilizar a obra sem o consentimento do autor. A este cabe o direito de autorizar ou não as utilizações, adaptações, arranjos, representações, transformações ou traduções da sua obra, nesse último caso cabendo uma ressalva para o caso de licenças obrigatórias previstas nas Convenções Internacionais.

Assim temos na Magna Carta, em seu artigo 5: XXVII - aos autores pertence o direito exclusivo de utilização, publicação ou reprodução de suas obras, transmissível aos herdeiros pelo tempo que a lei fixar; XXVIII - são assegurados, nos termos da lei: a) a proteção às participações individuais em obras coletivas e à reprodução da imagem e voz humanas, inclusive nas atividades desportivas; b) o direito de fiscalização do aproveitamento econômico das obras que criarem ou de que participarem aos criadores, aos intérpretes e às respectivas representações sindicais e associativas; XXIX - a lei assegurará aos autores de inventos industriais privilégio temporário para sua utilização, bem como proteção às criações industriais, à propriedade das marcas, aos nomes de empresas e a outros signos distintivos, tendo em vista o interesse social e o desenvolvimento tecnológico e econômico do País.

Porém, como toda regra, há exceção. Na Lei 9.610/98 estão definidos os casos de limitação ao direito exclusivo do autor, quando não é necessário pedir a sua autorização para que a obra de um autor seja utilizada em um outro contexto, seja na em uma outra obra, seja como ilustração ou menção. Eles tratados no Capítulo IV, Das Limitações aos Direitos Autorais, quais sejam:

Art. 46. Não constitui ofensa aos direitos autorais:

I - a reprodução:

- a) na imprensa diária ou periódica, de notícia ou de artigo informativo, publicado em diários ou periódicos, com a menção do nome do autor, se assinados, e da publicação de onde foram transcritos;
- b) em diários ou periódicos, de discursos pronunciados em reuniões públicas de qualquer natureza;
- c) de retratos, ou de outra forma de representação da imagem, feitos sob encomenda, quando realizada pelo proprietário do objeto encomendado, não havendo a oposição

da pessoa neles representada ou de seus herdeiros

d) de obras literárias, artísticas ou científicas, para uso exclusivo de deficientes visuais, sempre que a reprodução, sem fins comerciais, seja feita mediante o sistema Braille ou outro procedimento em qualquer suporte para esses destinatários;

II - a reprodução, em um só exemplar de pequenos trechos, para uso privado do copista, desde que feita por este, sem intuito de lucro;

III - a citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra;

IV - o apanhado de lições em estabelecimentos de ensino por aqueles a quem elas se dirigem, vedada sua publicação, integral ou parcial, sem autorização prévia e expressa de quem as ministrou;

V - a utilização de obras literárias, artísticas ou científicas, fonogramas e transmissão de rádio e televisão em estabelecimentos comerciais, exclusivamente para demonstração à clientela, desde que esses estabelecimentos comercializem os suportes ou equipamentos que permitam a sua utilização;

VI - a representação teatral e a execução musical, quando realizadas no recesso familiar ou, para fins exclusivamente didáticos, nos estabelecimentos de ensino, não havendo em qualquer caso intuito de lucro;

VII - a utilização de obras literárias, artísticas ou científicas para produzir prova judiciária ou administrativa;

VIII - a reprodução, em quaisquer obras, de pequenos trechos de obras preexistentes, de qualquer natureza, ou de obra integral, quando de artes plásticas, sempre que a reprodução em si não seja o objetivo principal da obra nova, e que não prejudique a exploração normal da obra reproduzida nem cause um prejuízo injustificado aos legítimos interesses dos autores.

Ademais, são permitidas as paráfrases e paródias que não forem verdadeiras reproduções da obra originária nem lhe implicarem descrédito; e também podem ser representadas livremente por meio de pinturas, desenhos, fotografias e procedimentos audiovisuais, as obras situadas permanentemente em logradouros públicos.

Essa é a definição na lei vigente, porém a Lei de Direitos Autorais está sendo revisada. Nesse momento o anteprojeto se encontra em fase de elaboração da redação final pelo Grupo Intermínisterial de Propriedade Intelectual (GIPI), do Ministério da Cultura, para ser enviado à Casa Civil pela ministra da Cultura, Ana de Hollanda.

No novo texto o rol de exceções ao direito de exclusividade do autor sobre a utilização da obra aumenta significativamente, em seu Art. 46, para vinte e um incisos. O inciso VIII, deste artigo 46, define quais os casos em que a utili-

zação, em quaisquer obras, de trechos de obras preexistentes, de qualquer natureza, ou de obra integral, quando de artes visuais, na medida justificada para o fim a atingir, é permitida. O parágrafo segundo trata inclusive das Licenças não voluntárias, definindo que o Poder Judiciário poderá autorizar a utilização de obras em casos análogos aos incisos, desde que atendidas, cumulativamente, às seguintes condições: não concorra com a exploração comercial da obra e nem cause prejuízo injustificado aos legítimos interesses dos autores; e que sejam citados o autor e a fonte, sempre que possível.

Este instituto se assemelha à regra dos três passos do "Fair use", uma exceção legal ao monopólio do direito de utilização do detentor dos direitos autorais dentro do Common Law, Direito vigente nos Estados Unidos. "Fair Use" é uma forma de uso livre em uma nova criação artística de uma obra pré-existente, como um ingrediente ou novo elemento, transformando-se em uma outra obra, totalmente distinta da anterior. Ele está inserido na Seção 107, da Lei de Direitos Autorais dos Estados Unidos, que é datada de 1976. O artigo declara que a utilização de um trabalho autoral, incluindo-se reprodução em cópias ou gravações sonoras ou qualquer outra forma, com a finalidade crítica, comentário, reportagem, educação (incluindo múltiplas cópias para utilização em sala de aula), bolsas de estudo, ou de pesquisa, não é infração aos direitos autorais, desde que se leve em consideração alguns fatores que medem o grau e a forma como as obras estão sendo inseridas no novo contexto.

Na verdade são quatro, e não três, os fatores a serem considerados pra avaliação se o uso é ou não permitido sem o consentimento do detentor dos direitos autorais, quais sejam:

- 1- A finalidade e caráter da utilização, inclusive se o uso tem natureza comercial ou se é sem intuito de lucro e com fins educacionais;
- 2- A natureza do trabalho autoral utilizado;
- 3- A quantidade e substância da porção do trabalho usado com relação à obra como um todo;
- 4- Os efeitos causados por essa utilização sobre o potencial mercado e o valor da obra pré-existente utilizada.

É a mais importante exceção ao direito do autor e também a área que mais rapidamente se modifica. Muitas vezes o instituto é entendido como defesa para quando ocorre violação de direitos autorais. Porém, deve-se pensar o "fair use" como um espectro de possibilidades de se poder utilizar uma obra alheia em uma obra nova e não como uma linha clara que declara o que pode ou não pode ser usado de outra obra. O instituto surgiu e ganhou força nos Estados Unidos porque as cortes americanas entenderam que nem sempre a cópia de uma obra autoral é violação de direito e por isso passaram a analisar melhor os casos em que o direito autoral é levado a objeto de violação. Juristas declaram que algumas cópias são necessárias para promover a criação de outros produtos

que o direito autoral protege.

Para a verificação se houve ou não violação de Direitos Autorais são considerados os fatores em cada situação e assim analisado se o uso é justificável ou não, como se fossem regras de boas maneiras. E não há regras que se enquadrem em todos os casos. É difícil definir objetivamente o "fair use", pois ele depende de um exame do caso específico. Se há dúvida se é caso de uso permitido ou não, é melhor ser prevenido e pedir autorização, o que muitas vezes pode implicar em pagamento de do detentor dos direitos patrimoniais.

Uma boa atenção deverá ser feita de acordo com cada área das artes. Na maioria do caso de uso de letras e canções musicais não cabe alegação de uso permitido. Deve-se, inclusive, ter cuidado em saber se a música autorizada é a versão que se pediu a permissão, ou que está em domínio público, pois muitas vezes a letra e canção estão em domínio público, porém a gravação é mais recente, ou não é a que foi autorizada pelo proprietário. E "fair use" da composição não necessariamente quer dizer da gravação, pois são direitos autorais diferentes.

No caso de filmes documentários existe uma maior abertura ou tolerância para utilização de obras e criações alheias. Porém, seguindo algumas instruções, tais como quando a música é tocada ao fundo, sem que a produção tenha solicitado e o volume estava o mínimo possível, pode ser considerado um uso permitido. Nesse caso deve-se atentar para que essa mesma música não seja usada fora da cena onde ela existia naturalmente. Outro caso é se parte de trilha sonora de um filme advém do trecho que foi usado à luz do "fair use". Quando um pequeno trecho de uma música que é discutida no filme e tocá-la serve para ilustrar o que se fala sobre ela não é necessariamente "fair use" ou quando um pequeno trecho de uma música em um documentário biográfico de forma a se ilustrar a performance na música ou na sua forma de cantar em certa época e lugar. Estes são casos que, a princípio, justificam a utilização de outras obras em uma nova obra.

Mas deve-se sempre ter atitude conservadora e pedir autorização quando possível for, pois de toda forma ações judiciais são caras e devem ser evitadas sob qualquer condição. Inclusive,

muito cuidado ao usar o trecho em ações de marketing e merchandising, como no trailer ou material gráfico de um filme, por exemplo, o que pode caracterizar obtenção de lucro com a obra alheia.

A dúvida sobre se deverá haver pagamento de direitos patrimoniais para os usos mesmo em caso de "fair use", é sempre recorrente para americanos. Segundo Donaldson, não é necessário. A necessidade de pagamento adveio de negociações a partir de 1960 nos Estados Unidos para que se pudesse utilizar personagens, trechos ou re-filmagens em outros filmes ou em programas de televisão. Nesse caso é obrigatória a autorização do detentor dos direitos patrimoniais. No caso de utilização de outra obra sob a alegação de uso permitido, o produtor não está se licenciando o trecho e por esse motivo a taxa de reutilização não é necessária.

É importante dar créditos ao autor da música, fotografia, freiming ou trecho audiovisual, qualquer que seja o formato ou tempo utilizado, e à luz ou não do uso permitido. É o mínimo que se deve fazer, até porque o Direito Francês, que é o seguido no Brasil, declara que designar quem é o autor ou detentor de direitos autorais, incluindo-se o diretor, no caso de filmes, é parte do direito autoral, como direito de atribuição. Como acima citado, o artigo 46 do novo projeto de Lei de Direitos Autorais designa isso e sua ausência infringe a regra.

No Direito Brasileiro mesmo que a nova lei de direitos autorais seja aprovada com esse texto, teremos que aguardar a formação de pesquisa e bibliografia, e o entendimento dos juristas e tribunais, se seguiremos a vertente norte-americana. Por isso toda cautela é necessária, pois no complexo mundo das comunicações modernas e do Terceiro Setor, as questões relacionadas com o Direito Autoral desempenham importante papel. Esse direito é a espinha dorsal das indústrias criativas, que hoje responde por cerca de 6% do PIB mundial e continua sinalizando crescimento vertiginoso. Com as cifras nessa área, os olhos voltam-se mais ainda pro setor. Alguns com vistas ao lucro, outros com a intenção de se acabar com tal instituto.

Joost Smiers, por exemplo, alega que são poucos conglomerados culturais que lucram com o copyright, pois eles detêm uma enorme quan-

tidade de produção criativa e intelectual. Ele defende o fim do copyright e direitos de autor para que os conteúdos possam ser utilizados livremente pelo público, desde que a pessoa não assuma como própria a obra de outrem. Argumenta esse autor que o sistema do copyright retira o material criativo e intelectual do domínio público, pode atrapalhar as futuras criações artísticas e não apóia os artistas e países do terceiro mundo. Ademais, com a era da internet o controle e exploração comercial das obras se tornou difícil.

Diante desse cenário, casos de litígios e questões de direitos autorais aumentam a cada ano, diante da quantidade de material produzido, bem como diante do acesso que se tem com essas novas mídias e com a difusão em redes. Ademais, as decisões acerca de casos de uso permitido ainda são dispersas e não consolidadas, principalmente no Brasil, que agora passa a pensar nessas novas questões de propriedade intelectual. Isso enseja maior apreço e avaliação quando à utilização da produção de outros em sua própria criação, a fim de não se arriscar que a nova obra não possa ser difundida e comercializada. Aliás, pior que não poder ser distribuída e exibida, o infrator pode ser penalizado com o pagamento de danos morais e materiais ao autor considerado vítima em uma ação judicial.

#### **Bibliografia, Referências e Pesquisa:**

LEI Nº 9.610, DE 19 DE FEVEREIRO DE 1998.

PROJETO DE LEI, que Altera e acresce dispositivos à Lei no 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, que altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais, e dá outras providências.

DONALDSON, Michael C., Clearance and Copyright, Everything you need to know for Film and Television, 3rd ed., rev., updated, and expanded. Silman James Press, 2008.

SALINAS, Rodrigo Kopke, Introdução ao Direito Autoral, em "Produção Cultural e propriedade intelectual", Organizadora: Isabela Cribari. Recife: Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 2006.

SMIERS, Joost, Artes sob Pressão: promovendo a diversidade na era da globalização/ Joost Smiers (tradução Adelina França), São Paulo, Escrituras Editora: Instituto Pensarte, 2006. Coleção Democracia Cultural; 3.

*Diana Gebrim é consultora jurídica e financeira, gestora cultural e relações internacionais, sócia da Diversidade Consultoria e da DGC Advocacia.*

# O assombroso mundo desprovido de sonhos

Rodrigo Brasil

Vivemos, é um fato, em um mundo cada vez menos onírico. Este mundo não nos foi imposto, mas pouco a pouco nós o escolhemos e o configuramos assim. Situamos nossa realidade em um universo amplamente técnico, onde a técnica, a produção e seu fruto, o consumo, são nossos grandes, para não dizer únicos, objetivos. Sim, é um mundo totalmente objetivo, está ligado ao objeto; o produzimos, o vendemos, e com o dinheiro resultante deste processo o compramos de novo. O objeto em si não é o problema; pode ser qualquer coisa, um celular, um carro, uma casa: não é mais que um objeto. É um mundo quantitativo, o importante, por mais que queiramos negar; é ter mais, ter o mais potente, o mais caro, o mais atual, o mais moderno. Este mundo objetivo não é um mundo dos sonhos, é um mundo dos números. Poderíamos supor que não é nem um pesadelo, mas sim a total falta de significado, a esterilização dos sonhos em um niilismo difundido do qual tomamos pouca consciência, pois este mundo nos determina. Estamos de algum modo encerrados dentro destes limites em que acreditamos que a realidade é totalmente estéril e desprovida de significado. O fato de estarmos imersos neste conceito faz com que seja muito difícil vislumbrar um mundo fora destes limites. Para que fosse possível entender realmente os significados impostos a estes objetos e mundo seria preciso transcendê-lo, seria preciso atravessar estes limites para além, para enxergar estes conceitos de forma reflexiva e entender como eles afetam a nós mesmos. Mas a própria palavra transcendência nos é dada no contexto atual como absurda; negar estes tipos de interpretações é semelhante a estarmos encerrados por estes conceitos e termos jogado fora as escadas que nos permitiriam escapar deles.

Diríamos que é simplesmente nossa realidade e não há o que questionar, mas é claro que este tipo de questionamento não tem bases técnicas, o questionamento não gera a riqueza quantitativa, produz sim a riqueza qualitativa, que é muito diferente. Pode ser que estes pensamentos apresentados aqui sejam também de uma base ilusória, e sim, isso é uma possibilidade. Seria muito fácil criticar o estado vigente, como muitos outros o fazem, ou mesmo apresentar possibilidades ilusórias que são no fim apenas

outra modalidade da mesma realidade. No entanto, nunca foi este meu interesse e acredito ser possível um mundo diferente. Mais do que isso, acredito ser possível dar pequenas provas dele. Para tal finalidade devo primeiro evocar meus próprios sonhos dentro deste mundo ilustrado aqui como estéril, para chamar a atenção sobre o que pretendo demonstrar.

Refletindo sobre a minha busca, percebi que ela tem uma origem bastante onírica que é proveniente da minha infância, vinda de um lugar específico que conjura todos os meus sonhos. Porque quando criança eu passava minhas férias, feriados e fins de semana na fazenda de minha família, uma grande construção de dois andares com paredes de pedra de um metro de largura, amplas varandas de lado a lado, viradas para o nascer e o por do sol. Uma grande escada toda em pedra estendia sua saída para um amplo curral com muros também de pedra cercados de currais e cobertas menores, mangueiras, bambuzais, rio e montanhas, pastos e florestas. A Casa não era só uma arquitetura como a conhecemos comumente, ou apenas um espaço, mas um cosmos único que geria e orientava infinitos e ricos espaços ao seu redor e dentro dela. Passei minha infância da melhor forma possível, vagando livremente por todos estes ricos espaços, subindo nos muros e árvores, nadando no rio, correndo nos pastos e explorando as florestas de um lado a outro e abrigando-me de forma tão livre e fácil entre o interno e o externo da casa. Admito que, em minha infância, sonhava então ser fazendeiro e viver ali para sempre. Com o tempo este sentimento mudou, percebi de forma inconsciente, ainda novo, que aquele lugar nunca seria meu, e que estava fadado a perdê-lo em algum momento. Resolvi então ser arquiteto, acreditava a princípio, porque gostava muito de desenhar, mas hoje tomei consciência de que resolvi tornar-me arquiteto porque queria roubar o segredo "mágico" daquele lugar.

O mais intrigante para mim era como aqueles espaços estavam tão intensamente cravados no meu subconsciente, de forma que mesmo podendo ir poucas vezes lá depois de adulto, ele continua a ser um palco frequente dos meus sonhos. Não apenas isso, mas sempre gostei de levar meus amigos para lá, para passar um feriado ou fim de semana, e com o tempo descobri que eles também sonhavam com aquele lugar, ou

sonhavam estar naquele lugar, com uma frequência fora do comum. Ainda mais intrigante, recentemente retomei contato com uma amiga que não via há algum tempo, e ela me mandou uma mensagem dizendo que havia tido um sonho com a fazenda; o interessante é que faz doze anos que ela a visitou pela última vez, e esteve lá no máximo duas vezes na vida. Minha pesquisa não é propriamente os sonhos, mas gostaria de propor sem pretensões uma pequena teoria a este respeito, para ilustrar algo que está em meu pensamento. Acredito que naquele lugar o espaço, a arquitetura e seus elementos estão tão melhor e eficientemente simbolicamente colocados e estruturados, que quando, em meus sonhos, por algum motivo preciso recorrer a uma porta, abertura, escada, interno, externo, etc., minha mente não os encontra simbolicamente estruturados no meu mundo cotidiano que os banalizou, mas os localiza forte e ricamente colocados lá, na memória de minha fazenda, e meu subconsciente então os apresenta para mim como resposta, me espacializando nos sonhos em um lugar que está mais corretamente espacializado no universo.

*"Nesta comunhão dinâmica entre o homem e a casa, nessa rivalidade dinâmica entre a casa e o universo, estamos longe de qualquer referência às simples formas geométricas. A casa vivida não é uma caixa inerte. O espaço habitado transcende o espaço geométrico."*  
(BACHELARD, 1957:26)

É claro que podemos dizer que este é um caso isolado, ou classificar os sonhos como são normalmente classificados: devaneios entre as coisas que são realmente importantes. De fato, é difícil dar valor aos sonhos em um mundo ávido pelo imediato, pelo que é prático; mas, mesmo assim, é difícil negar o impacto que este mundo onírico traz para os nossos desejos quando contrastado com a nossa realidade. É possível arriscar que o homem deseja um mundo melhor, deseja se situar em um universo mais rico em significado; pequenas pistas deste desejo estão expressas no interesse que temos quando algo de misterioso ou aparentemente simbólico nos é dado em um filme, livro ou nos surpreende no cotidiano. O filósofo Heidegger expressa através das palavras do poeta F. Hölderlin: "Poeticamente o homem habita", defendendo que o homem, para realmente estar pleno no mundo, tem de estar nele perante um significado.





Somos colocados no nosso universo que é nossa cidade como peças dentro de arquivos, sendo tratados da forma como tratamos o mundo - como objetos, desprovidos de significado. Nossos prédios são pretensões de originalidade ausentes de qualquer poesia, cada um mais idêntico ao outro, tanto por fora como por dentro, idênticos mesmo em sua vontade de ser diferentes. O movimento modernista na arquitetura teve seu papel, cortando toda e qualquer relação com o passado, impossibilitando uma ponte com os ensinamentos anteriores, e estabelecendo dogmas, tais quais "a forma segue a função", a "casa é a máquina de morar", o "ornamento é um crime". Nada disso foi realmente superado, as críticas se mantiveram dentro dos dogmas e a proliferação de uma racionalização cortou os laços com os sonhos e a poesia, a casa ideal moderna é um lugar estéril, feito em separado do homem, no qual ele se insere com dificuldade. De forma que este ideal, levemente transmutado por diferentes modismos, fundiu-se a um mundo de consumo já objetivado, e cada vez mais existimos dentro de caixas quadradas sobrepostas, onde não há lugar para os sonhos. Ironicamente a tudo isso, nos são dadas escolhas falsas. Vi recentemente em um anúncio imobiliário uma série de prédios quase absolutamente idênticos, com dizeres de propaganda sugerindo que cada um deve escolher o que se adequa melhor a si. Poderíamos questionar, desta forma, que não nos são dadas opções - e realmente não são. Nossas residências seguem um padrão imutável de sala-cozinha-corredor-quarto que nem mesmo é posto em questionamento. Mas afirmar que esta é a única forma existente de ser no mundo é um absurdo, o mundo dos sonhos nos apresenta sim opções viáveis, estão espalhadas e resistem, poucas em meio a este mundo

estéril. Destas, posso colocar em evidência pelo menos duas das minhas prediletas.

De início, o mais recente dos dois: o austríaco Hundertwasser, que inicialmente foi um artista plástico e devido a suas constantes críticas contra uma arquitetura que considerava estéril e monótona, expressas em uma série de manifestos, se enveredou por este caminho, tendo resultados impressionantes na sua tentativa de mudar o mundo em meados do século XX. Sua arquitetura não segue um padrão comum, ela cresce e se desenvolve fugindo da reta de forma natural e espontânea; ela é mais humana, valoriza o indivíduo. Ela mescla elementos oníricos como símbolos, cúpulas, esferas espalhadas pelo cotidiano de seus espaços que brincam (e esta palavra não deve ser levada como infantil), dando a possibilidade para que o homem também tenha dentro dos seus espaços a possibilidade de uma existência mais rica e imaginativa. Não só isso, Hundertwasser tem também um forte ideal ligado à natureza e acredita que ela deveria invadir os espaços urbanos, profetizando uma harmonia possível. A natureza então toma espaço em suas construções, se estendendo sobre os prédios e crescendo neles, buscando não independente do homem, mas em simbiose com ele, também seu espaço em um mundo que a expulsou.

Não é possível comentar sobre sonhos e arquitetura e não citar o mais célebre dos arquitetos. Único e sozinho em sua busca, ele profetizou também seu mundo próprio com a intenção de fazer um universo cheio de significado, onde a natureza em seu esplendor e perfeição é a base de toda a sua inspiração pra dar cor, forma, vida e poesia ao habitar do homem. Antoni Gaudí, na virada do século XIX para o XX, criou uma arquitetura tão magnífica que ela se destaca de tudo; ele imaginou um mundo onde o ho-

mem existia, não em planos sobrepostos, mas em uma complexa e elaborada teia de espaços ricamente elaborada, onde é fácil se perder e esquecer que o mundo real, aquele reto, está lá fora. Sua arquitetura pressupõe uma existência poética e transcendente do homem, onde sim é fácil realizar uma vida onírica. Suas obras atingiram um status tão elevado de arte que o mundo inteiro a visita incansavelmente; é uma novidade constante repleta - como disse o próprio Gaudí - de originalidade, pois, segundo ele, original é tudo aquilo que volta às suas origens, e esta é a natureza e suas formas, que são naturalmente mágicas. É difícil encontrar em suas obras ângulos retos, ou cômodos com apenas quatro lados e isso, visto todo nosso questionamento anterior, é uma possibilidade que nos foi dada há mais de cem anos atrás; para nós, que já acreditamos que casas são sempre monotonicamente colocadas como cubos como se isso fosse uma premissa.

Infelizmente esta arquitetura nos é mostrada com um pressuposto de impossibilidade, como se fosse dito: "olhe, mas só olhe, pois não é possível ter". Então toda nossa evolução técnica de cem anos com os mais maravilhosos equipamentos e novos materiais, com qualidades quantitativas reais e incrivelmente potentes, nos levou a não conseguir criar nada nem próximo disso. Os sonhos estão aparentemente vedados pela nossa própria convicção.

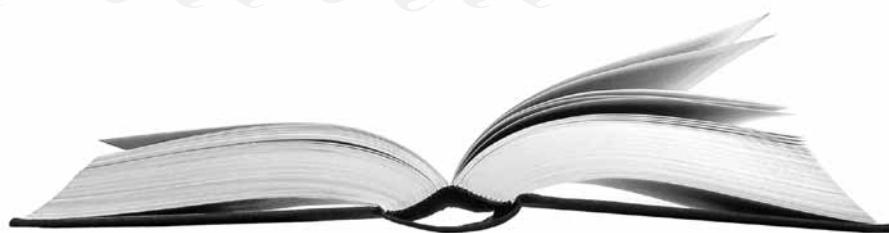
Rodrigo Brasil é arquiteto pela EA-UFMG (2006); artista plástico, tendo participado de várias exposições no país, e professor de desenho e pintura na Maison Escola de Arte desde 2008. Atualmente cursa o mestrado em Filosofia com tema referente à relação do homem com o espaço na FAJE - Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia. Sites: [www.rodrigobrasil.blogspot.com](http://www.rodrigobrasil.blogspot.com) / [www.arqartebrasil.blogspot.com](http://www.arqartebrasil.blogspot.com) E-mail: [digo.brasil@gmail.com](mailto:digo.brasil@gmail.com)



Livraria do Café com Letras...

CAFÉ com  
LETRAS

Lance seu livro  
na Livraria do Café!



Rua Antônio de Albuquerque, 781  
31 2555 1610  
[www.cafecomletras.com.br](http://www.cafecomletras.com.br)

# SAVASSI FESTIVAL 2011

25 DE JULHO

- Segunda

EVENTO: JAZZ CLUBE I Show de lançamento de CD

**BRENO MENDONÇA** (JF)

**Breno Mendonça** - Saxofone Alto e Tenor; **Samy Erick** - Guitarra; **Deangelo Silva** - Piano e teclado; **Felipe Continentino** - Bateria; **Frederico Heliodoro** - Baixo Acústico e Elétrico

LOCAL: Pátio Savassi  
HORÁRIO: 20h

EVENTO: JAZZ CLUBE I TORTUGA

**Everton Rodrigues** - Bateria; **Rafael Mello** - Bateria; **Harrison ribeiro** - Saxofone/Flauta; **Pedro Delgado** - Guitarra

LOCAL: Café com Letras  
HORÁRIO: 20h

26 DE JULHO

- Terça

EVENTO: JAZZ CLUBE I Show de lançamento de CD

**DIAPASÃO**

**Rodrigo Lana** - Piano; **Adriano Goyatá** - Bateria/Marimba de Vidro; **Alexandre Andrés** - Flauta; **Gustavo Amaral** - Baixo; **Leandro César** - Violão/Bandolim

LOCAL: Pátio Savassi  
HORÁRIO: 20h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**LOTUS COMBO** (RJ)

**Rodrigo de Marsillac** - Piano; **Domenico Botelho** - Baixo; **Miguel Couto** - Bateria

LOCAL: CentoeQuatro  
HORÁRIO: 21h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**ENTREVERO MUSICAL** (Florianópolis)

**Arthur Boscato** - Violão; **Filipe Maliska** - Bateria; **Diego Guerre** - Acordeon; **Rodrigo Moreira** - Baixo

LOCAL: Café com Letras  
HORÁRIO: 20h

27 DE JULHO

- Quarta

EVENTO: NOITE DE ABERTURA DO SAVASSI FESTIVAL

Homenagem a **JUAREZ MOREIRA** e (depois)

**CHRIS POTTER TENTETO**

**Adam Rogers** - Violão; **Craig Taborn** - Piano e teclado em geral; **Nate Smith** - Bateria; **Chris Potter** - Saxofone; **Enéias Xavier** (convidado) - Contrabaixo; **Vitor Dutra** - Violino; **José Eustáquio Babeto** - Viola; **Antonio Viola** - Cello; **Sandra Meira** - Flauta; **Cláudio Martins** - Clarineta; **Washington Vitalino** - Fagote

e (depois)

**CHRIS POTTER E ORQUESTRA SINFÔNICA DE MINAS GERAIS\***, com regência do **MAESTRO MARCELO RAMOS**.

LOCAL: Palácio das Artes  
HORÁRIO: 20h30  
INGRESSOS: R\$ 40,00 plateia e R\$ 30,00 balcão

EVENTO: JAZZ CLUBE I Show de lançamento de CD

**FREDERICO HELIODORO**

**Frederico Heliodoro** - Baixo Acústico; **Felipe Continentino** - Bateria; **Pablo Passini** - Guitarra; **Rafael Martini** - Piano

LOCAL: Pátio Savassi  
HORÁRIO: 20h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**JOSÉ NAMEN QUARTETO**

**José Namen** - Piano; **Guilherme Stephan** - Piano; **Breno Mendonça** - Saxofone; **Yan Vasconcellos** - Contrabaixo

LOCAL: CentoeQuatro  
HORÁRIO: 21h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**LOTUS COMBO** (RJ)

LOCAL: Café com Letras  
HORÁRIO: 20h

28 DE JULHO

- Quinta

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**THIAGO FERTÉ QUARTETO** (RJ)

**Thiago Férté** - Saxofone; **Alex Rocha** - Contrabaixo; **Xande Figueiredo** - Bateria; **Bernardo Bosisio** - Guitarra

LOCAL: Café com Letras  
HORÁRIO: 20h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**SHAWN & THE WOLF** (Alemanha/Canadá)

**Wolfgang** - Guitarra; **Shawn** - Trombone; **João Luis** - Violão; **Manassés Malcher** - Trombone

LOCAL: Outono 81  
HORÁRIO: 21h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**MATT WARNOCK & HOLLY HOLMES** (Canadá/EUA)

**Matt Warnock** - Guitarra; **Holly Holmes** - Voz; **André Campagnani** - Bateria

LOCAL: Shopping 5a Avenida  
HORÁRIO: 18h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**ENTREVERO INSTRUMENTAL** (Florianópolis) e (depois) **MONTE PASCOAL**

**Flávio Macedo** - Sax Alto; **Ivan Egídio** - Sax Tenor; **Vinicius Augustus** - Sax Barítono; **Renato Goulart** - Sax Soprano; **Eduardo Campos** - Percussão

LOCAL: Teatro Dom Silvério  
HORÁRIO: 21h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**ÁGUA VIVA** (RJ)

**Aline Gonçalves** - Flauta/Clarinete; **Felipe Cotta** - Bateria; **João Bittencourt** - Piano; **Luciano Camara** - Violão; **Marcela Velon** - Voz; **Mayo Pamplona** - Contrabaixo; **Yuri Villar** - Saxofone

LOCAL: Museu de Artes e Ofícios  
HORÁRIO: 21h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**MATT WARNOCK & HOLLY HOLMES** (Canadá/EUA)

LOCAL: Hoshi  
HORÁRIO: 21h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**CELSO MOREIRA & CRISTIANO CALDAS**

**Celso Moreira** - Violão; **Cristiano Caldas** - Piano e teclados em geral

LOCAL: Poterie Atelier Café  
HORÁRIO: 21h

29 DE JULHO

- Sexta

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**VIOLENTANGO** (Argentina)

**Santiago Nicolas Cordoba** - Percussão; **Adrian Osvaldo Ruggiero** - Bandoneon; **Ricardo Emilio Jusid** - Baixo; **Camilo Tomas Cordoba** - Violão; **Juan Manuel Lopez** - Violão

LOCAL: CentoeQuatro  
HORÁRIO: 21h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**BILLY DREWES QUARTETO** (EUA)

**Cliff Korman** - Piano; **Billy Drewes** - Saxofone/Clarinete; **Jefferson Lescowich** - Baixo; **Robertinho da Silva** - Bateria

LOCAL: Café com Letras  
HORÁRIO: 20h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**VIOLENTANGO** (Argentina)

LOCAL: Shopping 5a Avenida  
HORÁRIO: 18h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**TÚLIO MOURÃO SOLO CONVIDA CÉLIO BALONA**

**Túlio Mourão** - Piano; **Célio Balona** - Acordeon

LOCAL: Teatro Dom Silvério  
HORÁRIO: 21h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**ALDA REZENDE QUARTETO**

**Alda Rezende** - Voz; **Aloizio Horta** - Baixo Acústico; **Rafael Martini** - Piano; **André "Limão" Queiroz** - Bateria

LOCAL: Museu de Artes e Ofícios  
HORÁRIO: 20h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**O QUARTETO**

**Waldir Cunha** - Baixo; **Luiz Enrique** - Guitarra/violão; **Hudson Vaz** - Bateria; **Jairo Lara** - Sax/ Flauta

LOCAL: Hoshi  
HORÁRIO: 22h30

# PROGRAMAÇÃO

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**JAZZ IS IT**

**Guto Ferreira** - Bateria; **Samy Erick** - Guitarra; **Bruno Vellozo** - Contrabaixo

e (depois)

**ZIMUN**

**Castilho** - Voz; **Matéria Prima** - Voz; **Ravel Veiga** - Baixo Elétrico e Acústico; **Dedig** - Guitarra; **Bizzotto** - Vibrafone/Trompete/Bateria; **Rafa Nunes** - Djembé/Congas/Pandeiro/Didgeridoo; **Coyote** - Beats/Samplers/MPC; **Gabriel Bruce** - Bateria/Vibrafone; **Rubio da Veiga** - Saxofone/Trombone/Trompete

LOCAL: Studio Bar  
HORÁRIO: 23h30

30 DE JULHO

- Sábado

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**BENNY LACKNER TRIO** (EUA)

**Andrew Emer** - Baixo; **Benny Lackner** - Piano; **Matthieu Chazarenc** - Bateria

LOCAL: Café com Letras  
HORÁRIO: 20h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**TUTTI** (RJ)

**Lipe Portinho** - Contrabaixo; **Ana Azevedo** - Piano; **Daniel Garcia** - Saxofone; **André Tandeta** - Bateria

LOCAL: Shopping 5a Avenida  
HORÁRIO: 12h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**OMRI MOR TRIO** (Israel)

**Noam David** - Bateria; **Omri Mor** - Piano; **Uri Shlomo Klienman** - Contrabaixo

e (depois)

**CHRIS POTTER AND THE UNDERGROUND** (EUA)

LOCAL: Teatro Dom Silvério  
HORÁRIO: 20h30 - 22h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**TIRA POEIRA** (RJ)

**Henry Lentino** - Bandolim; **Caio Márcio** - Violão; **Fábio Nin** - Violão de 7 cordas; **Samuel de Oliveira** - Saxofone; **Ajuriná Zwarg** - Bateria e pandeiro

LOCAL: Museu de Artes e Ofícios  
HORÁRIO: 20h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**CLIFF KORMAN CONVIDA BILLY DREWES** (EUA)

**Cliff Korman** - Piano; **Billy Drewes** - Saxofone/Clarinete; **Jefferson Lescowich** - Baixo; **Robertinho da Silva** - Bateria

**Sérgio Galvão** - Saxofone tenor/Flauta

**Gilmar Ferreira** - Trombone

LOCAL: CentoeQuatro  
HORÁRIO: 21h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**SHAWM & THE WOLF** (Canadá/Alemanha)

**E JOÃO NOGUEIRA**

**Wolfgang** - Guitarra; **Shawn** - Trombone; **João Luis** - Violão; **Manassés Malcher** - Trombone

LOCAL: Hoshi  
HORÁRIO: 22h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**FREDERICO HELIODORO CONVIDA**

**PEDRO MARTINS** (Brasília)

**Frederico Heliodoro** - Baixo Acústico; **Felipe Continentino** - Bateria; **Felipe Viegas** - Piano/Teclado; **Pedro Martins** - Guitarra

LOCAL: Poterie Atelier Café  
HORÁRIO: 21h

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**GROOVE.GROOVE** (São Paulo)

**Tchelo Nunes** - Violino/Baixo Elétrico; **Rod Trevis** - Guitarra/Teclado

e (depois)

**MARC AYZA GROUP** (Espanha)

**Marc Ayza** - Bateria; **Francesco Piccinno** - Piano/Teclado; **Helios Peñalver** - Scratch; **Mtume Gant** - Voz;

**Tom Warburton** - Contrabaixo

LOCAL: Studio Bar  
HORÁRIO: 23h30

EVENTO: JAZZ CLUBE I

**PROJETO MERETRIO** (São Paulo)

**Marcio Silva** - Saxofone/Flauta; **Luis André Gigante** - Bateria; **Gustavo Boni** - Baixo Elétrico;

**Ivan de Andrade** - Saxofone/Clarinete/Flauta;

**Marcelo Valezi** - Saxofone/Flauta;

**Diego Barbosa Garbin** - Trompete; **Alexandre Oliveira** - Trompete; **Paulo Malheiros** - Trombone; **Emiliano Sampaio** - Guitarra

LOCAL: Nelson Bordello  
HORÁRIO: 0h

**31 DE JULHO**

- Domingo

EVENTO: **CONCERTOS NO PARQUE I SAVASSI FESTIVAL NO PARQUE MUNICIPAL, CHRIS POTTER TENTETO (EUA/BRA), "Song for Anyone", e (depois) CHRIS POTTER (EUA) e ORQUESTRA SINFÔNICA DE MINAS GERAIS, regência do MAESTRO MARCELO RAMOS.**

LOCAL: Parque Municipal  
HORÁRIO: 10h

EVENTO: **SAVASSI FESTIVAL I EVENTO NA RUA**

LOCAL: Savassi  
HORÁRIO: das 13h às 21h15

**01 E 02 DE AGOSTO**

- Segunda

EVENTO: **WORKSHOPS I**  
LOCAL: Pro Music  
HORÁRIO: às 11h

EVENTO: **WORKSHOPS I**  
LOCAL: Sala Juvenal Dias  
HORÁRIO: a definir

EVENTO: **WORKSHOPS I**  
LOCAL: Escola de Música da UFMG  
HORÁRIO: a definir

**03 DE AGOSTO**

- Quarta

EVENTO: **NOITE DE ENCERRAMENTO I BIG BAND PALÁCIO DAS ARTES\* CONVIDA CLIFF KORMAN e (depois) KEVIN MAHOGANY (EUA)**

LOCAL: Palácio das Artes  
HORÁRIO: às 20h30

**\* BIG BAND PALÁCIO DAS ARTES:**

**José Geraldo Fernandes** - Trompete  
**Yan Frederico Kononov de Latinoff Vasconcellos** - Baixo  
**Warley da Costa** - Trombone Tenor  
**Tiago Ribeiro Pedro** - Contrabaixo  
**Raphael Victor Ribeiro** - Saxofone  
**Pablo Andrés Passini** - Guitarra  
**Natália Porto Coimbra** - Trombone  
**Moisés Adelman Oliveira** - Saxofone Barítono  
**João Gabriel Cunha Machala** - Trombone  
**Ismael Santos Pereira** - Trompete  
**Frederico Selva Akerman** - Percussão  
**Frederico Carlos Natalino** - Piano  
**Felipe Boabaid Guerzoni** - Guitarra  
**Felipe Guimarães Continentino** - Bateria  
**Fabiano Silva Lima** - Trompete  
**Emerson de Oliveira** - Piano  
**Breno de Magalhães Souza Mendonça** - Sax tenor e alto  
**Bo Hilbert** - Bateria  
**Andre Pastore Gonzaga** - Trombone  
**Ana Carolina Estrela da Costa** - Sax tenor  
**Ana Cecilia Soares de Souza** - Trompete  
**Alisson Ferreira Simplicio** - Trombone  
**Thiago Nunes** - Guitarra  
**Emiliano Alberto Garcia Bolla** - Sax alto, sax soprano, clarinete, flauta

**\* ORQUESTRA SINFÔNICA DE MINAS GERAIS**

**Marcelo Ramos** - REGENTE CONVIDADO  
**Roberto Tibiriçá** - REGENTE TITULAR  
**Charles Roussin** - REGENTE RESIDENTE  
**Vitor Dutra** - SPALLA  
**Miquéias Haluen\*** - Primeiro Violino  
**Marcelo Moraes Alves** - Primeiro Violino  
**Christiana Lage Pereira** - Primeiro Violino  
**Luciene Villani** - Primeiro Violino  
**Marlene Martins** - Primeiro Violino  
**Filipe Augusto\*** - Primeiro Violino  
**Lucas Barreto\*** - Primeiro Violino  
**Eliezer Gomes** - Primeiro Violino  
**Boaz Rodrigues** - Primeiro Violino  
**Karine Patrícia de Oliveira** - Segundo Violino  
**André Lodi\*** - Segundo Violino  
**Leise Toledo\*** - Segundo Violino  
**Sérgio Vargas** - Segundo Violino  
**Olga Buza** - Segundo Violino  
**Eliane Pacifico** - Segundo Violino  
**Hersília Duarte** - Segundo Violino  
**Gerard Robert Veloso** - Segundo Violino  
**José Eustáquio Babeto** - Viola  
**Alex Alves Evangelista** - Viola  
**Ronaldo Machado Araújo** - Viola  
**Hélio da Costa Calixto** - Viola  
**Alysson Rodrigues\*** - Viola  
**Hassuero Continentino\*** - Viola  
**Antônio Maria P. Viola** - Violoncelo  
**Antônio Afonso Gonçalves** - Violoncelo  
**Demóstenes Júnior** - Violoncelo  
**Sheila Sampaio Ribeiro** - violoncelo  
**Sérgio Rabelo\*** - Violoncelo  
**Paula Mendes\*** - Violoncelo  
**Fernando César dos Santos** - Contrabaixo  
**Ricardo Rodrigues** - Contrabaixo  
**Carlos Roberto Anastácio** - Contrabaixo  
**Rosdman de Souza Ferreira** - Contrabaixo  
**Sandra Meira\*** - Flauta  
**Pâmela Schmitzer** - Flauta  
**Gustavo Nápoli** - Oboé  
**Vito Duarte** - Oboé  
**Cláudio Martins Simões** - Clarineta  
**Maria Inês de Carvalho** - Clarineta  
**Washington Vitalino** - Fagote  
**Clecio Araujo\*** - Fagote  
**Sérgio Gomes** - Trompa  
**Rita de Cássia** - Trompa  
**Sérgio Ricardo Martins** - Trompa  
**Abílio Diogo** - Trompa  
**Renison Oliveira** - Trompete  
**Claudiomarcus Serafim** - Trompete  
**Antônio Efraim** - Trompete  
**Helio Azevedo** - Trombone  
**Alaécio Martins\*** - Trombone  
**André Pastore\*** - Trombone  
**Aluizio Brant Campos** - Timpano  
**Eduardo Campos** - Percussão

**ENDEREÇOS:**

**Palácio das Artes**

Av. Afonso Pena, 1537, Centro  
(31) 3237-7399

**Pátio Savassi**

Avenida do Contorno, 6061 - São Pedro  
(31) 3263 8500

**Café com Letras**

Rua Antônio de Albuquerque, 781, Savassi  
(31) 3225-9973

**Shopping 5a Avenida**

Rua Alagoas, 1314, Savassi  
(31) 3281-0033

**Outono 81**

Rua Outono, 81, Carmo  
(31) 3227-3009

**CentoeQuatro**

Praça Ruy Barbosa, 104, Centro  
(31) 3222-6457

**Studio Bar**

Rua Guajajaras, 842, Centro  
(31) 3047-1020

**Poterie Atelier Café**

Rua Eurita, 62, Santa Tereza  
(31) 3282-8061

**Hoshi**

Torre Alta Villa Rua Senador Milton Campos, 145, Vale do Sereno  
(31) 3011-9700

**Nelson Bordello**

Rua Aarão Reis, 554, Centro  
(31) 3564-3323

**Museu de Artes e Oficinas**

Praça da Estação, Centro  
(31) 3248-8600

**Soleá Tablao Flamenco**

Rua Sergipe, 1199B, Savassi Informações: (31) 3282-2444

**Parque Américo Renné Giannetti - Parque Municipal**

Av. Afonso Pena - Centro

**Palco NET**

rua Antônio de Albuquerque, em frente ao Café com Letras.

**Palco AeC Jazzy**

rua Sergipe, entre Antônio de Albuquerque e rua Fernandes Tourinho

**Instituto Unimed-BH**

rua Antônio de Albuquerque, entre rua Sergipe e rua Levindo Lopes

**Palco Heineken**

rua Sergipe, entre a rua Tomé de Souza e rua Antônio de Albuquerque

**Pro Music**

Av. Nossa Senhora do Carmo, 550, São Pedro  
3221-3400

**Escola de Música UFMG**

Campus Pampulha – Av. Antônio Carlos, 6627  
3409-4700



Ministério da  
Cultura

**NET**  
O MUNDO É DOS NETS



**CEMIG**  
A Melhor Energia do Brasil.

**GOVERNO DE MINAS**

APRESENTAM

# SAVASSI FESTIVAL 2011

## PROGRAMAÇÃO 31 DE JULHO

### SAVASSI FESTIVAL 2011

#### REALIZAÇÃO

Café com Letras

#### PRODUÇÃO

Instituto Cidades Criativas

#### COORDENAÇÃO

Bruno Braz Golgher

#### PRODUÇÃO EXECUTIVA

Erika Ziller, Juliana Almeida e Bernardo Gondim

#### LOGÍSTICA

Luciana Naves e Milena Lago

#### COMUNICAÇÃO

Vinícius Lacerda

#### DIRETOR TÉCNICO

Roberto França

#### CURADORIA

Bruno Braz Golgher e Ivan Monteiro

#### PARTICIPAÇÃO

Fundação Clóvis Salgado

#### ASSESSORIA JURÍDICA

Oliveira, Souza & Santos Advogados Associados

#### GESTÃO FINANCEIRA

Direta Gestão de Projeto/Roberta Juliane

#### ASSESSORIA DE IMPRENSA

CL Comunicação

#### CONTEÚDO REDES SOCIAIS

Maurilo Andreas, Carol Gomide e Bruno Alexandre

#### FOTOGRAFIA

Refinaria da Imagem

#### CENOGRAFIA

Ricardo Bizafrá

#### DESIGN

Estúdio Roberto Bellini

#### ESTRUTURAS E PALCO

Disk Palco, Mundo dos Palcos e Somtec

#### SOM

Emersom, Murilo Correa Sonorização, Graco Som

#### PALCOS, ESTRUTURAS E LUZ AMBIENTE

Top 6, Graco, Somtec e Estação da Luz

Ministério da Cultura, Secretaria de Estado de Cultura, Fundação Municipal de Cultura, Regional Centro-Sul da Prefeitura de Belo Horizonte, BHTrans, NET, Cemig, Heineken, A e C, Instituto Unimed-BH, TRIP, Rádio Inconfidência, Banco Bonsucesso, Thyssen Krupp, Shopping 5a Avenida, Pro Music, Escola de Música da UFMG, Fundação Clóvis Salgado, Orquestra Sinfônica de Minas Gerais, Pátio Savassi, Embaixada de Israel e Jornal O Tempo.

**PALCO NET**  
O MUNDO É DOS NETS

#### PALCO NET

13h00 | DJ Martinha

14h00 | **PEDRO MARTINS** (Brasília)

15h15 | DJ Martinha

16h00 | **VIOLENTANGO** (Argentina)

17h15 | DJ Maurinho

18h00 | **OMRI MOR TRIO** (Israel)

19h15 | DJ Maurinho

20h00 | **CHRIS POTTER AND UNDERGROUND** (EUA)

**PALCO Instituto Unimed**  
Belo Horizonte

#### PALCO INSTITUTO UNIMED-BH

13h00 | DJ Pied-de-Poule

14h00 | **TUTTI** (Rio de Janeiro)

15h15 | DJ Pied-de-Poule

16h00 | **VARIEDADES CONTEMPORÂNEAS** (Curitiba)

17h15 | DJ Bill

18h00 | **CLIFF KORMAN ENSEMBLE CONVIDA BILLY DREWES** (EUA)

19h15 | DJ Bill

20h00 | **BIG BAND PALÁCIO DAS ARTES,**

tributo a Duke Ellington, com participação de Thiago Nunnes

**PALCO aec** Relacionamento com Responsabilidade

#### PALCO AEC JAZZY

13h00 | DJ Fael

14h30 | **FELIPE CONTINENTINO**

15h45 | DJ Fael

16h30 | **RESSONANTES**

17h45 | DJ Nest

18h30 | **GROOVE.GROOVE** (São Paulo)

19h45 | DJ Nest

20h30 | **MARC AYZA GROUP** (Espanha)

**PALCO Heineken**

#### PALCO HEINEKEN

13h00 | DJ Braz Mitchell

14h30 | **TIRA POEIRA** (Rio de Janeiro)

15h45 | DJ Braz Mitchell

16h30 | **BENNY LACKER TRIO** (EUA)

17h45 | DJ Fausto

18h30 | **PROJETO MERETRIO** (São Paulo)

19h45 | DJ Fausto

20h30 | **KEVIN MAHOGANY** (EUA)

OUTRAS INFORMAÇÕES

[WWW.SAVASSIFESTIVAL.COM.BR](http://WWW.SAVASSIFESTIVAL.COM.BR)

*"A fantasia, abandonada pela razão,  
produz monstros impossíveis; unida a ela, é  
a mãe das artes e origem de maravilhas",*

Francisco Goya.

### Mariana Lage

Num dos galpões de Inhotim, está montada a obra *The Murder of Crows* (2008), de Janet Cardiff & George Bures Miller, inspirado na gravura de Goya, *O Sonho da Razão Produz Monstros*. Uma forte referência ao mundo dos sonhos. A obra, composta de 98 caixas de sons dispostas em cadeiras e paredes, coloca o espectador no centro da obra, no centro do espaço sonoro, no centro de um sonho.

A seguir, um relato a respeito de uma experiência estética.

Entro num galpão extenso, com um arranjo de cadeiras em círculos e uma mesa ao centro. As paredes brancas acentuam a extensão do espaço. Sentada num banco em meio a cadeiras vagas e caixas de sons, fecho os olhos e sou transportada para um espaço intangível, que existe e dura na medida em que me entrego e permaneço neste espaço impalpável que o som me conduz.

A obra não me exige a entrega, mas eu a pressuponho, pois só assim, neste ato de desapego de expectativas, desejos e significados, posso então sentir os passos tão concretos de alguém que se aproxima assim como posso também sentir o aveludado de uma voz. Abro os olhos. Não há ninguém. Há uma mesa com um gramofone. É dele que sai a voz feminina e doce. Imagino Janet Cardiff. Noto que sua voz, como a de qualquer outra pessoa, tem peso e densidade corporal (desta vez, as caixas e os dispositivos tecnológicos não suprimiram o corporeidade da voz). De olhos fechados sinto a tatibilidade da presença humana, mas ao meu redor sei haver apenas caixas, cadeiras e um gramofone.

As caixas, elas me servem de transporte para uma época em que não vivi. Sinto-me medieval, devota, em êxtase, situada fisicamente no meio de um coro de vozes. Uma experiência litúrgica? As caixas me transportam para um espaço que não é físico, embora eu o habite com meu corpo e com meus órgãos de sentido. Como num sonho, sinto a brisa do mar tocar minha face. Sinto

o cheiro salgado do mar e minha pele rememora a umidade ligeiramente áspera da maresia. As ondas exercem sobre mim medo e opressão. Tenho medo, mas não desejo fugir. Permaneço estática na minha cadeira. Externamente, quase inerte. Por dentro, um turbilhão de sensações e pensamentos.

"O que é a criatividade? O que faz o artista mover-se em direção à criação? O que o estimula a se projetar imaginativa e livremente sobre palavras, sons, objetos, espaço? Que experiência o habita quando ele se põe a compor?"

Sinto a solidão do artista. Lembro-me que é preciso estar só para surgir esse desejo de comunicar o incomunicável, uma vivência não-conceitual, nem teórica nem prática, mas sempre reiterável.

Lembro-me das teorias, das escritas acadêmicas e tenho um desejo desolador de não mais discutir obra alguma. Preciso de categorias de arte, de teorias ou instituições para me certificarem que a partir delas terei experiências tão arrebatadoras como esta?

Desejo adentrar no espaço profundo em que se conhece e se contempla a própria humanidade e o desejo primordial de simbolizar a existência, de transformar um fragmento de rocha num veículo xamânico, detentor de poder que ultrapassa minha experiência finita.

Caí de joelhos diante da obra.

Tudo se passou como se eu houvesse vivido toda minha vida para sentir aquele momento. Só então pude compreender que o que nos move, artistas e público, ao fazermos e apreciarmos obras de arte é uma necessidade intratável, indomável, incomensurável, de compartilharmos e simbolizarmos esse desconhecido que nos habita.

Mariana Lage é jornalista e professora de "Estética" e "Filosofia e Educação", na Escola de Música da UEMG. Mestre e doutoranda em Estética e Filosofia da Arte (Fafich - UFMG).  
marianalagem@gmail.com

# O assassinato dos corvos



Curso de pós-graduação IEC PUC Minas

INSCRIÇÕES ATÉ 05/08/2011

Confira no site a programação completa dos cursos.

www.iec.pucminas.br | (31) 3319-4444

PRÊMIO  
MELHORES  
2010

PUC Minas  
Diretoria de  
Educação Continuada

# Crime no gueto:

## Os anagramas de Varsóvia, de Richard Zimler

Lyslei Nascimento

Uma série de assassinatos brutais de crianças perpassa a inteligente trama de mais um romance de Richard Zimler. Os anagramas de Varsóvia, ao encenar esses crimes no gueto judaico em meio à Segunda Guerra, potencializa o mal, que se propaga fora dos seus limites. Dentro ou fora, ou, como numa caixa chinesa, a violência é descortinada, milimetricamente, como em um espelho.

A narrativa policial com os seus elementos tradicionais permeados pela segregação dos judeus no gueto de Varsóvia constitui, assim, uma estratégia narrativa que põe o leitor diante de uma estrutura labiríntica, em abismo. Diante do mal, representado pelo nazismo, sua crueldade estampada na tortura, no assassinato sumário e na violação de todos os direitos do indivíduo, a série de crimes contra crianças reafirma a quase onipotência, a materialidade trágica da condição dos judeus.

Zimler, ao potencializar esse mal, fazendo do gueto uma ratoeira, uma caixa de torturas, um labirinto de crueldades, faz, sem dúvida, um inventário do sofrimento. Longe de confortar o leitor, ao recriar o espaço confinado do gueto e, dentro desse espaço, a emergência do mal, o escritor reafirma seu compromisso com vozes que foram silenciadas pelos desmandos da história, do poder, dos vencedores. "Apesar de todas as tentativas dos alemães para refazer o mundo, as leis naturais continuam a existir." Assim, apesar de todas as tentativas revisionistas e negacionistas, a história tem o seu pendor na ficção.

Em seu romance mais conhecido no Brasil, O último cabalista de Lisboa, Zimler envolve o leitor em enigmas e crimes ocorridos em uma comunidade judaica clandestina. Na trama, ao reformar uma velha casa em Istambul, em 1990, um estudioso da literatura sefardita descobre um manuscrito que narra com precisão "assombrosos acontecimentos de 1506, em Lisboa. Em abril, durante as celebrações da páscoa, cerca de 2 mil cristãos-novos foram mortos num pogrom e os seus corpos queimados no Rossio. A Igreja incitava o povo à matança, acusando os judeus de serem culpados da fome e da peste que assolavam a cidade. Nesse clima de intolerância e violência, ao preço de riscos enormes, judeus, apelidados de cristãos-novos, continuaram a recitar suas orações hebraicas e a praticar seus rituais, sobretudo os do shabat e das festas judaicas, mesmo tendo sido convertidos à força ao catolicismo. Um desses judeus clandestinos era Berequias Zarco", o narrador do romance.

Os zarcos, residentes em Alfama, tinham como patriarca Abraão Zarco, iluminador e membro respeitado da famosa escola cabalística de Lisboa. Após o pogrom, Berequias, seu sobrinho e discípulo, encontra o tio e uma jovem desconhecida assassinados em um dos templos secretos desde que a sinagoga fora fechada. Eles estavam nus e banhados em sangue e, como no conto de Allan Poe, a porta está fechada por dentro. O último cabalista de Lisboa é um romance histórico sensacional. Seu pano de fundo histórico, os eventos verídicos ali trançados com a ficção, constitui um libelo contra a amnésia histórica.

Em Os anagramas de Varsóvia, o contexto histórico é o isolamento dos judeus em um pequeno gueto em Varsóvia (Polônia, 1940). Numa atmosfera sombria, o narrador, Erik Cohen, revela minuciosamente que esse espaço opressor pode ser ainda mais terrível quando o inimigo parece estar dentro da comunidade. Representado pelos nazistas, o mal não tem fim, por isso, ele é desdobrado, repetido ao infinito, dentro do gueto, nos corpos das crianças encontradas assassinadas e mutiladas. Cohen e seu melhor amigo, então, como as exemplares duplas de detetives das narrativas policiais, põem-se a investigar esses crimes.

Segundo o narrador, no mínimo dos mínimos, devemos aos nossos mortos o estatuto de pessoa única. Essa reivindicação, no entanto, extrapola a ficção. Para Zimler, os números são importantes, o inventário e a precisa contagem dos mortos pelo nazismo fazem parte do registro inquestionável do que poderíamos chamar de arquivo do mal. A ficção, no entanto, ao escolher, entre esses números, o humano que nele está inscrito, ao fazer a vida retornar a esses corpos mutilados e violados, concedendo-lhes, de novo, voz e vida, pode, mesmo que fragmentariamente, suplementar esse arquivo e, talvez, reverter a frieza das listas, do banco de dados, das tabelas, diagramas e gráficos. Desentranhando, paradoxalmente, dessas "provas" do delito, do crime do passado, esse corpo é redivivo, pela escritura, na contemporaneidade.

Por isso, os corpos são identificados e o leitor acompanha pari passu seu infortúnio. A história pessoal e íntima é, de alguma forma, recuperada, em suas franjas, como um tecido que se esgarçou. Não é possível, sabe muito bem Zimler, aproximar-se de uma história do sofrimento sem perdas, sem simulacros ou simulações. A ética impede de "usar as partes dos corpos para fazer alguma coisa que não é humana". Sendo assim, "a morte de uma criança é um acontecimento isolado no tempo, mas a recordação dela

estende-se para abranger uma vida inteira". Para o narrador, todos os templos são metáforas do corpo humano, logo, é o corpo que daria origem ao conceito de sagrado. O crime e o assassinato são, pois, no romance, vistos como uma forma de tirar do mundo tudo o que haveria de sagrado.

A literatura de Richard Zimler é, nesse sentido, humanística, no desafio de se aproximar do limite da expressão. "Imaginem", solicita o narrador, "tinta preta escorrendo para dentro de cada recordação. Tudo que sobreviver só pode ser cinzento." A metalinguagem, desse modo, aproxima-se, de forma incisiva, à condição que pode ser exemplificada neste desabafo: "Se não conseguem ver que estou debaixo da terra com meu filho quando me olham nos olhos, então de que adianta dizer-lhes?".

Transposições, enigmas, jogos de letras e de palavras. Essa estratégia de sobrevivência no gueto, o uso de anagramas, passa, certamente, no romance, pelo trânsito entre o polonês, o alemão, o hebraico e o ídiche. Ao transitar entre todas essas línguas, os judeus podem, muitas vezes, resistir e sobreviver. A cabala é outra intrincada estratégia de sobrevivência dos judeus que estrutura a trama do romance. Esse sistema filosófico-religioso judaico de origem medieval (século 12 e 13), ao trazer para o contexto da ficção suas técnicas de leitura, como a exegese, a interpretação ou o método interpretativo das escrituras bíblicas, principalmente, com base em alegorias e outras operações e recursos simbólicos, anagramas, transposições de letras, atribuição de valores numéricos às letras do alfabeto hebraico e de significado aos números, pode espelhar o trabalho investigativo de Erik Cohen. A força propulsora mística do cabalista, portanto, aproxima-se, no romance, ao trabalho do detetive. Logo, a busca cabalística tem, na narrativa policial, sua conformação mais secular.

As reiteradas referências à fotografia e ao cinema têm, no romance, um papel à parte. O leitor pode seguir, na trama, imagens que vão compondo um mosaico de citações intertextuais importantes. Cabe, no entanto, uma especial atenção à fotografia. As fotografias que são descritas no texto são pistas fundamentais para os investigadores, que, a todo momento, as interpretam e as analisam. Para a resolução dos crimes, as fotografias são prova e testemunho e, também, sob outra perspectiva, fetiche e índices da maldade que permeia a narrativa.

*Lyslei Nascimento é professora de literatura e coordenadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.*

ARTE, ARQUITETURA, FOTOGRAFIA, PERFORMANCE, DANÇA, URBANIDADE...

Você já pode comprar todos os livros editados pelo Instituto Cidades Criativas pela internet. Acesse [www.cidadescriativas.org.br](http://www.cidadescriativas.org.br) e confira!



Ministério da  
Cultura

NET  
O MUNDO É DOS NETS

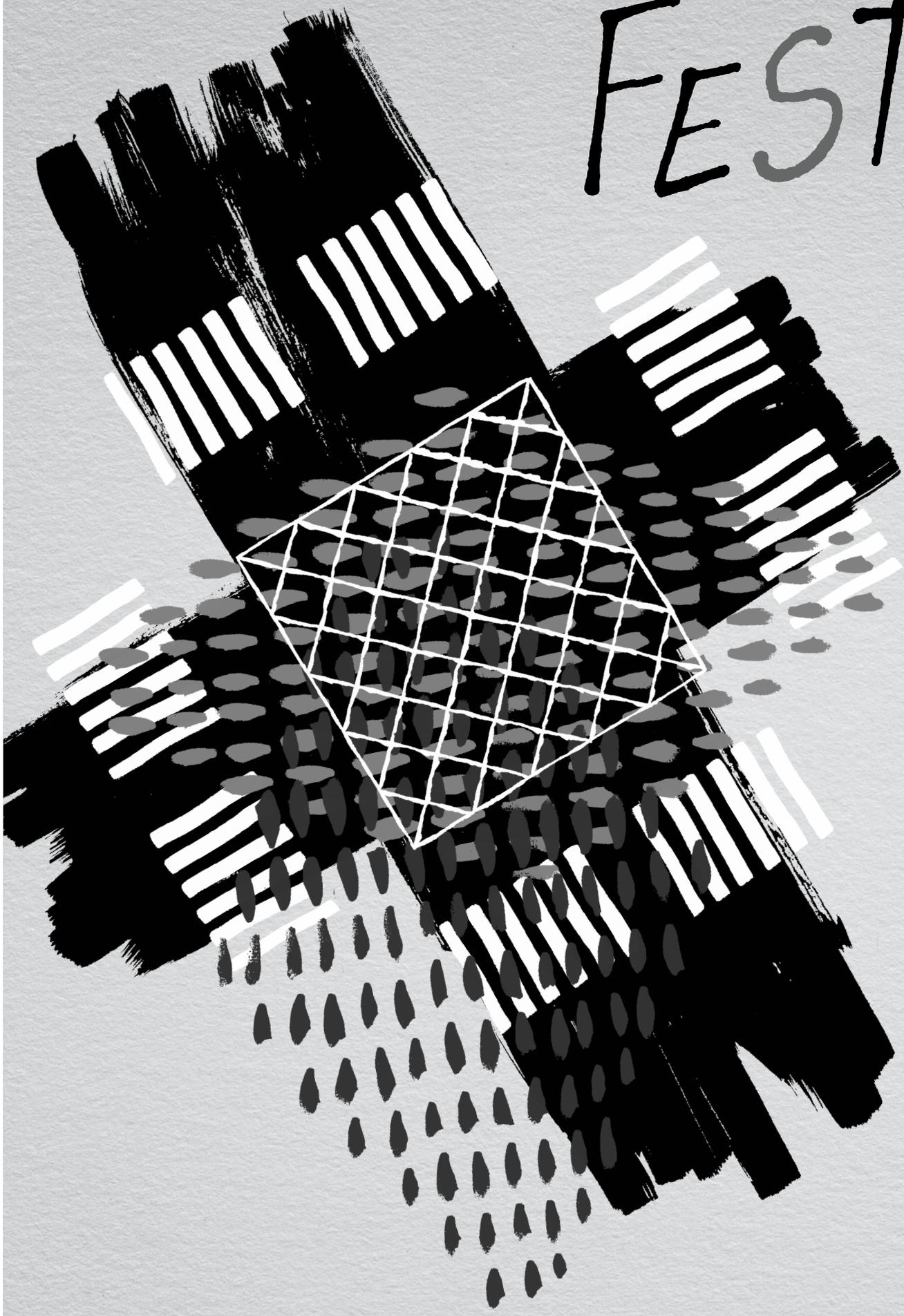


CEMIG  
A Melhor Energia do Brasil.

GOVERNO  
DE MINAS

APRESENTAM

# SAVASSI FESTIVAL 2011



NOITE DE ABERTURA

27 DE JULHO 20 Hs

NO  
PALÁCIO DAS ARTES

ENTREGA DO PRÊMIO JAZZ MINAS 2011

PARA

JUAREZ MOREIRA

+

CHRIS POTTER (USA)

TENTETO (EVA/BRA)

CHRIS POTTER (USA)

+ ORQUESTRA SINFÔNICA  
DE MINAS GERAIS,

COM REGÊNCIA DO

MAESTRO MARCELO RAMOS

OUTRAS INFORMAÇÕES

WWW.SAVASSIFESTIVAL.COM.BR

Palácio das Artes  
Avenida Afonso Pena, 1537  
Centro

Ingressos e informações  
(31) 3237 7399

PATROCÍNIO



APOIO INSTITUCIONAL



CIA. AÉREA OFICIAL



PROMOÇÃO EXCLUSIVA



APOIO



PARTICIPAÇÃO



REALIZAÇÃO



APOIO



INCENTIVO



REALIZAÇÃO



Realizado com os benefícios da  
Lei Municipal de Incentivo à Cultura de Belo Horizonte

# A verdade tem estrutura de ficção: três cenas

Gilson Iannini

## Cena 1.

Duas crianças brincam. Uma delas conta uma história, um tanto fantástica, ou explica que a regra do jogo jogado é assim, assado. Desconfiada, a outra pergunta: “Verdade?”; “–Verdade!”. Segue-se um curto silêncio, e depois: “–Verdade verdadeira?”; “–Verdade verdadeira, eu juro”. Eis, pois, que essa inocente brincadeira estabelece uma diferença sutil mas radical entre duas verdades: a verdade e a verdade verdadeira. Não por acaso, quando falamos da verdade, na vida adulta, gostamos de acrescentar “pura e simples”, “nada a mais, nada além”, como que para nos certificarmos de que falamos da verdade verdadeira. Mais do que isso, aquele jogo inocente e astuto de criança nos faz perguntar: o que mais pode garantir a verdade de um enunciado senão sua própria enunciação, com toda precariedade e contingência que o dizer implica?

## Cena 2.

Cara eu ganho, coroa você perde. O jornal Die Fackel publica em junho de 1908, no número 256, uma ligeira sátira em que Karl

Kraus provoca: “A ciência de outrora negava a sexualidade dos adultos. A nova pretende que o bebê já experimenta volúpia durante a defecação. A antiga visão era melhor: os interessados podiam, pelo menos, contradizê-la”. Algum tempo mais tarde, Wittgenstein afirma que o problema com a interpretação analítica é que o analista tem sempre razão: se o paciente concorda, a interpretação está correta; se o paciente não concorda, a interpretação também está certa: o analista pode sempre dizer que o “não” do paciente resulta de uma resistência inconsciente... Freud escreve, em 1937, “Construções em análise”: nem o “sim”, nem o “não” do paciente são índices da correção da interpretação ou da construção. A verdade em psicanálise depende de “confirmações indiretas”, derivadas da capacidade que uma intervenção tem de produzir efeitos, como memórias, sonhos, mudanças na posição subjetiva diante do sintoma, da fantasia, do gozo etc. Freud lembra uma passagem de Hamlet: “às vezes, uma isca de falsidade fisga uma carpa de verdade”. A irmã de Wittgenstein, Margarethe Stonborough-Wittgenstein, mais conhecida como Gretl, faz análise por dois anos com Freud. Antes, em 1905, Gus-

tav Klimt pinta seu retrato. Certa vez, Gretl confronta uma intervenção de Freud. Ele responde com o silêncio. Nem cara, nem coroa. Gretl mantém contato com Freud até sua morte.

## Cena 3.

– Quem fala? – pergunta Nietzsche.

– É o ser enigmático e precário da palavra, em sua solidão, em sua vibração frágil, em seu nada – responde Mallarmé, através da pena de Foucault.

– Eu, que vagabundeio pelo que considerais como o menos verdadeiro em essência: pelo sonho, pelo desafio ao sentido da piadinha mais gongórica e pelo nonsense do mais grotesco trocadilho, pelo acaso, e não por sua lei, mas por sua contingência, eu, a verdade, falo – retruca Lacan.

*Gilson Iannini tem formação em filosofia e em psicanálise. Atua nas duas áreas. É doutor em filosofia pela USP e mestre em psicanálise por Paris VIII. Ensina filosofia na UFOP. Atua como psicanalista em Belo Horizonte. Está lançando um livro sobre Jacques Lacan pela Editora Autêntica.*

### Saiba onde encontrar seu exemplar gratuito do Letras!

Acústica CD • AIB • Aliança Francesa • Arquivo Público Mineiro • Art Vídeo • A&M+hardy • Berlitz • Biblioteca Pública Estad. Luiz de Bessa • Café com Letras • Casa do Baile • Celma Albuquerque Galeria de Arte • Centro de Cultura Belo Horizonte • Cultura Alemã • Desvio • Eh! Vídeo • FUMEC • Fundação Clóvis Salgado • Fundação de Educação Artística • Fundação Municipal de Cultura • Galpão Cine Horto • Grampo • Instituto Cervantes • Isabela Hendrix • João Caetano Cafés Especiais • Livrarias da Editora UFMG: Campus - Conservatório - Ouro Preto • Museu de Arte da Pampulha • Museu Inimá de Paula • Museu Mineiro • Quina Galeria • Rádio Inconfidência • Rede Minas • Secretaria de Estado de Cultura de MG • Teatro Dom Silvério • Teatro Francisco Nunes • Teatro Marília • UEMG • UFMG/ Escola de Arquitetura • UFMG/ Escola de Belas Artes • UFMG/ Letras • UFMG/ Fafich • UFMG/ Rádio Educativa • Usina das Letras Palácio das Artes • Usina